O mar - fonte de sustento e de oração contemplativa, do milagroso e do trágico, na Ínsua franciscana

João P. S. Cabral

Fundado em finais do século XIV para seguir a mais severa Observância, o mosteiro da Ínsua (Caminha) revelou-se como um dos mais inóspitos, mas também fecundos, inspiradores e duradouros mosteiros franciscanos das terras portuguesas. Residência de franciscanos ilustres, pouso e retiro de reis, arcebispos, governadores, e senhores da Casa de Vila Real, o mosteiro da Ínsua tornar-se-ia um desafio quiçá muito maior do que anteviam os seus fundadores.

O mar era fértil, e «*abundante a pescaria*», o marisco, o sargaço e as conchas (das quais se fazia cal). A pesca, passiva, ocorria nas camboas (ou pesqueiras) que rodeavam o «*circuito da praia*» e «*que os Religiosos começárão a fabricar desde os primeiros annos*» (Pedro de Jesus Maria José, *Chronica da Santa e Real Provincia da Immaculada Conceição de Portugal*, tomo I, 1760, p. 405) e era tão abundante «*que não só* [eram] *soccoridos os Religiosos, mas tambem* [os] *conventos vizinhos, e bemfeitores*» (Pedro de Jesus Maria José, op. cit., pp. 448-449). O marisco recolhia-se na baixa-mar dos penedos e blocos, e o sargaço e as conchas, das enseadas e praias da pequena ilha.

O isolamento total pelo mar, o movimento das marés (periódico e inexorável, cíclico e ritmado), enchendo e vazando, as alterações do estado mar, ora calmo, liso e azul, ora alterado, crispado e cinzento, as pequenas praias de areia que se modificavam do dia para a noite, o estrondo das ondas a baterem nos blocos graníticos e o antitético silêncio do interior da igreja e das celas, eram uma fonte de inspiração para a oração contemplativa e para a jornada última da «*via unitiva*» amando «*a Deos, de todo coraçam, com toda a alma, com todo o espirito, & com todas as potencias*», caminho favorecido pela «*continua vigilia de aspero jejum*» (Damazo da Presentação, *Obrigaçam do frade menor*, 1627, pp. 687,542).

O mar, se tirava, logo devolvia, como aconteceu a «*hũs casados*» que «*vierão de Caminha visitar esta purissima Virgem, & querendo a molher lavar as mãos perdéo huns coraes, que lhe cairão no mar. Tornárão magoados pera a vila, mas firmes na devoção*». Pescados «*dous robalos, mandárão hum aos frades, que levava os coraes dentro do bucho, & elles lhos entregárão com grande contentamento*» (Manoel da Esperança, *Historia Serafica*, tomo II, 1666, pp. 470-471).

O mar, generoso e milagroso, era por vezes trágico, tanto mais quanto à vista dos olhos se desenrolavam naufrágios, mesmo que no barco viajassem irmãos franciscanos, como o de 10 de Março de 1577 em que pereceu Fr. Afonso da Gama, entre outros franciscanos, dois barqueiros e «*hum moço que levavão*» (Pedro de Jesus Maria José, op. cit., pp. 508-509).

«*La mer fait beaucoup de fous*» (J. Michelet, *La Mer*, 1861, p. 16), mas a «loucura» dos franciscanos da ilha era o mais poderoso extâse contemplativo. O homem medieval tinha horror ao mar, mas a ele entregaram os franciscanos da Ínsua suas mãos e mentes. «*Ainsi la mer ouvre le cœur. Et les plus durs y sont pris*» (Michelet, op. cit., p. 403).